

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

RENATA AYANI MONTEIRO

CULTURA E ARTE LOCAL: PONTO DE PARTIDA PARA O ENSINO DE ARTES

CRICIÚMA

2017

RENATA AYANI MONTEIRO

CULTURA E ARTE LOCAL: PONTO DE PARTIDA PARA O ENSINO DE ARTES

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciado no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Viviane Kraieski de Assunção

CRÍCIUMA

2017

RENATA AYANI MONTEIRO

CULTURA E ARTE LOCAL: PONTO DE PARTIDA PARA O ENSINO DE ARTES

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 24 de novembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Viviane Kraieski de Assunção – Doutora em Antropologia Social - (UFSC) –
Orientadora

Prof.^a. Aurélia Regina de Souza Honorato - Doutora em Ciências da Linguagem -
(UNISUL)

Prof. Marcelo Feldhaus - Mestre em Educação - (UNESC)

DEDICATÓRIA

Dedico esta conquista aos meus pais, Lucia e Luiz, a minha irmã Ana e ao meu namorado Gabriel.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus, que foi companheiro nos momentos de reflexões, nas dificuldades e alegrias.

Meu emocionado agradecimento é para as pessoas que me ensinaram os primeiros passos da vida e da arte, me incentivando quando pequena, fazendo dos meus pequenos e simples traços os mais lindos desenhos. Meus pais Lucia e Luiz, que continuam incentivando as minhas escolhas e minha carreira, sendo sempre para eles motivo de orgulho.

A aquela que amo muito, porque sempre ouviu meus desabafos e desesperos e me ajudou no que pôde. Que vi crescer e se tornar minha melhor amiga, minha irmã Ana Carolina.

Ao meu namorado Gabriel, que mesmo também estando em reta final de curso, aguentou firme comigo, me fortalecendo e alegrando com carinho, para que meu sonho se concretizasse. Juntos finalizamos mais uma etapa.

A eles que jamais deixaria passar o agradecimento, meus sogros Lena e Sérgio, que também fizeram parte desta etapa, me ajudando em tudo, e sendo compreensivos com o momento em que passei, de horas e horas estudando.

Agradeço também as minhas colegas, que batalharam junto comigo, que viveram todas as emoções de serem acadêmicas e de dividirem experiências e conhecimentos, acrescentando mais a minha vida.

Aos professores do curso, que abriram as portas do mundo da arte e da educação, onde me desenvolvi como pessoa e profissional. Agradeço, em especial, a professora Viviane, que aceitou o convite e encarou com compromisso me orientar, acreditando em mim, me incentivando, para que eu não desistisse em nenhum momento. Obrigada por tudo!

“A arte traz mesmo essa possibilidade quase infinita de nos surpreender continuamente, de experimentarmos os abismos de sermos outros, de termos outros modos, outras formas.”

Luciana Gruppelli Loponte

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi construído a partir da pesquisa denominada “Cultura e arte local: ponto de partida para a educação em arte”, inserida na linha de pesquisa de educação e arte no Curso de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC. Tem como questão a ser investigada “Como são vistos os artistas e artesãos, por eles mesmos e como são vistos como parte integrante dessa paisagem cultural pelos professores das escolas de Torres/RS?”. Procurando responder a esta questão, essa pesquisa tem como objetivo geral investigar se a cultura local, com seus artistas e artesãos estão presentes nos planejamentos das aulas de Artes de Torres/RS. A pesquisa é de abordagem qualitativa, e partiu de estudos bibliográficos sobre a história de Torres e o ensino de Artes. Apresento aqui algumas referências que somaram a pesquisa. Para falar da história de Torres, trago no capítulo Ruschel (2004), Filho (2015). Sobre cultura e ensino de Artes, foram utilizados documentos norteadores como DCN (2009), PCN (1997), OCEM (2006), e os seguintes autores: Loponte (2015), Da Matta (1981) e Laraia (2000). Para contextualizar sobre arte e artesanato, utilizei Geertz (1998), Gell (2001), Canclini (2003), Lagrou (2010) e Freitag (2015), e entre outros autores. A pesquisa de campo ocorreu a partir de um roteiro de entrevistas semiestruturadas, com questões relacionadas à arte e à cultura local e às aulas de Artes. Foram entrevistadas seis professoras de Artes, além de um artista e uma artesã/artista do município de Torres/RS. A partir da pesquisa, foi constatado que as entrevistadas da cidade de Torres/RS desenvolvem a cultura e/ou arte local com seus alunos, porém com pouco repertório, devido à carência de pesquisas por parte das mesmas e ausência de formação continuada. Quanto aos artistas e à artesã/artista, a partir da pesquisa, foi percebido que suas produções apresentam forte relação com a cultura e a paisagem local e que os mesmos aceitam visitas programadas em seus ateliês, que seria uma forma dos professores expandirem seu campo de pesquisa. A partir dessa análise, surgiu a ideia do projeto “(Re)descobrimos a arte e cultura local de Torres/RS: Professor propositor” pensando em proporcionar momentos de estudo, reflexão e incentivar a formação continuada, de forma a ampliar o repertório artístico-cultural dos professores que atuam no município.

Palavras-chave: Arte. Artesanato. Cultura Local. Ensino de Artes.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Pontos Turísticos de Torres	20
Imagem 2 - Loja de artesanato no centro da cidade.....	20
Imagem 3 - Loja de artesanato no camelódromo de Torres/RS	21
Imagem 4 - Pintura de Jean Baptiste Debret	22
Imagem 5 - Produções de Sonia Gomes	29
Imagem 6 - Produções de Sonia Gomes	30
Imagem 7 - Série "Polvo" 33 de Adriana Varejão	32
Imagem 9 - Produção de Joana Vasconcelos.....	33
Imagem 10 - Produção de Joana Vasconcelos	34
Imagem 11 - Quadros do artista Jorge Herrmann (paisagens de Torres).....	36
Imagem 12 - Estudos animais e orgânicos surrealistas	36
Imagem 13 - Quadros do artista Jorge Herrmann (paisagens de Torres).....	37
Imagem 14 - Quadros do artista Jorge Herrmann (paisagens de Torres).....	37
Imagem 15 - Esculturas: Carrancas, Mulher, Pontos de Torres e Rostos	38
Imagem 16 - Entalhes para móveis e Lembranças de Torres	38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Identificação do Artista e Artesã/Artista Entrevistados 35

Tabela 2 - Identificação das Professoras Entrevistadas **Erro! Indicador não definido.**

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais

EJA – Educação de Jovens e Adultos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

OCEM – Orientações Curriculares para o Ensino Médio

RS – Rio Grande do Sul

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense

UNISUL – Universidade do Sul de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 METODOLOGIA	15
3 HISTÓRIA DE TORRES	17
3.1 COLONIZAÇÃO	17
3.2 TURISMO	19
4 ENSINO DE ARTES E CULTURA LOCAL	23
5 ARTE E ARTESANATO	27
6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	35
6.1 ARTISTA E ARTESÃO/ARTISTA	35
6.2 PROFESSORAS	41
7 PROJETO DE CURSO	49
7.1 TÍTULO	49
7.2 EMENTA	49
7.3 CARGA HORÁRIA	49
7.4 PÚBLICO- ALVO	49
7.5 JUSTIFICATIVA	49
7.6 OBJETIVOS:	50
7.6.1 Geral:	50
7.6.2 Específicos:	50
7.7 METODOLOGIA	50
7.8 REFERÊNCIAS	51
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	55
APÊNDICE(S)	58
APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS – (NAZA E JORGE)	59
APÊNDICE B – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS (PROFESSORAS)	60
ANEXO(S)	61
ANEXO A – MODELO DA AUTORIZAÇÃO APLICADA COM PROFESSORAS, ARTISTA E ARTESÃO/ARTISTA	62

1 INTRODUÇÃO

Por um bom tempo da minha vida, morei em uma cidade pequena, com poucos habitantes e de colonização açoriana. Esta cidade, Sombrio, valorizava muito e valoriza até hoje sua cultura de origem, por meio de espaços culturais, como museu ao ar livre e biblioteca com histórias da colonização e a cultura do município. Ainda recordo o deslumbramento da minha professora da 4^o série (na época), realmente inesquecível. Lembro-me bem sobre como ela valorizava a cultura e histórias da cidade. Do meu percurso no ensino fundamental, tenho recordações de nos apresentarem danças e comidas típicas. Lembro-me de falarem dos primeiros colonizadores e de artistas também. Tudo isso relacionado à cultura açoriana da cidade. Então, hoje posso dizer que carrego uma bagagem de conhecimento da cidade em que morei durante 26 anos, e tenho o pensamento de quão valioso é conhecer e reconhecer a cultura local e seus integrantes que dela fazem parte, como, por exemplo, os artistas.

Destaco que é de fundamental importância na formação do professor a preocupação em enriquecer o currículo e as aulas de Artes iniciando pela arte local. Contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem artística do aluno é encontrar alternativas disponíveis, como a análise de artistas e suas vidas, da arte local e registros da mesma, dando atenção também ao material de pesquisa que o aluno fornece.

Eu, como a aluna no ensino fundamental e médio, descobri, aprendi e fiz parte do cenário cultural da cidade em que vivi, e posso afirmar ser necessário conhecer e estar inserido no meio cultural em que vivemos, fomentando nossa cultura e conhecimento. E eu, como futura professora, pretendo inserir em minhas aulas essa questão da cultural local, unindo os artistas locais e demais conteúdos a obras de artistas já conhecidos na história.

Pensando nisso, venho me questionando, nesses poucos meses em que resido na cidade de Torres (RS), sobre um assunto que foi sempre muito presente em minha vida acadêmica e que é presente em documentos que norteiam a educação escolar: a valorização da cultura e arte local nas aulas de Artes. Foi, então, que comecei a pensar se esses artistas moradores de Torres, que vi e/ou ouvi

falar, são lembrados nas aulas de Artes¹ das escolas do município, se estão presentes e se são considerados importantes pelos professores.

Fortalecendo meus questionamentos, trago a lei 12.287 art. 26, § 2º, que evidencia que “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica.”. (BRASIL, 2015). E foi durante meu percurso no curso de Artes Visuais que fiquei, de certa forma, mais próxima da realidade escolar. Por meio dos estágios obrigatórios do curso, pude observar a ausência da arte local nas aulas, afastando o aluno de sua realidade.

Em meio a pesquisas, preocupações e questionamentos sobre a presença da cultura local e seus artistas no ambiente escolar, vieram à tona outras reflexões: A cidade tem como base econômica o turismo, principalmente no verão. Foi, então, que em meio a tudo isso, surgiu, além da figura do artista, outra figura na paisagem cultural de Torres – o artesão – por forte influência do turismo. Diante desta visão, trago como problema a seguinte questão a ser investigada: **“Como artistas e artesãos de Torres/RS se identificam, e se são reconhecidos como parte integrante da paisagem cultural por professores de Artes de escolas do município?”**

Para enriquecer minha pesquisa, fui atrás dos artistas que conheço e, apesar do pouco tempo em que moro na cidade, posso dizer que já identifiquei vários. Tive aproximação de dois, um artista e uma artesã/artista. Esta última, neste trabalho, é assim identificada – artesã/artista – em respeito à sua própria definição em relação a sua atuação. Ambos os entrevistados são moradores de Torres. Eu os contatei com intuito de conhecer mais de perto suas produções e um pouco de suas vidas e cotidianos. Também fui atrás de resposta sobre a possibilidade de visitas a seus ateliês. O primeiro foi Jorge Herrmann, pintor e desenhista, com produções de quadros paisagistas, nos quais, em sua maioria, retrata pontos da cidade de Torres. Também produz desenhos voltados ao surrealismo e estudos diversos voltados à arte². Herrmann possui um ateliê próprio, anexo a outro ateliê de outros artistas, onde participa de pesquisas e também realiza palestras e cursos. A segunda é a escultora Geminia de Nazareth Martins, mais conhecida como Naza. Tem seu ateliê anexo a sua morada, na saída da cidade, onde passa maior parte de seu tempo

¹ O termo “Artes” refere-se, aqui, para a disciplina de Artes ministrada na Educação Básica.

² O termo “arte” está relacionado à área do conhecimento.

esculpindo suas peças, fazendo estudos de materiais e ferramentas, ampliando seu conhecimento.

Partindo de algumas questões que norteiam essa pesquisa, é que dei corpo à minha escrita. Então fui atrás escritores que fundamentassem as seguintes questões: O que é arte? O que é artesanato? Os professores costumam tratar de artistas e Arte local nas aulas de Artes? Se sim, como os professores de Artes abordam as produções dos artistas e artesãos de Torres? Se não, o que pensam sobre inserir esse assunto em seus planejamentos? Como os próprios – artistas e artesãos – se veem? Artistas ou artesãos?

Infinitas dúvidas surgiram, e pretendi, por meio dessa pesquisa, esclarece-las, como forma de ampliar minha experiência como professora, pesquisadora e artista, com objetivo de descobrir se a cultura local, com seus artistas e/ou artesãos, está presente nos planejamentos das aulas de Artes de Torres/RS. Ampliando meus conhecimentos na área da educação, realizei essa pesquisa, discutindo teoricamente os conceitos de arte e artesanato, analisei como os professores de Artes pensam e abordam as produções dos artistas e artesãos de Torres nas aulas, e investiguei como artistas e/ou artesãos se identificam e se relacionam com a cultura local.

Este TCC está organizado em oito capítulos. No capítulo 2, são apresentados os procedimentos metodológicos adotados por esta pesquisa. Em seguida, no capítulo 3, trato sobre a história da cidade de Torres, na qual ressalto o processo de colonização e a importância do turismo para o município. Na sequência, trago a fundamentação teórica da pesquisa. No capítulo 4, evidencio o ensino da arte e a cultura local, fazendo relações e tratando sobre a importância de trabalhá-los nas aulas de Artes. No capítulo 5, Arte e Artesanato, a pesquisa segue trazendo autores com opiniões divergentes sobre estes temas e as dificuldades de definição. No capítulo 6, é feita a apresentação e a análise de dados das entrevistas realizadas com o artista, a artesã/artista e as professoras. A partir dos resultados desta pesquisa, foi elaborado um projeto de curso, apresentado no capítulo 7, que tem o intuito de propor uma formação aos professores de Artes de Torres/RS. Encerro este TCC com minhas considerações finais sobre os resultados e o processo de pesquisa.

2 METODOLOGIA

Em busca de respostas para os questionamentos que possuía enquanto pesquisadora, sobre artistas e artesãos, e como eles se veem e como são vistos pelos professores das escolas de Torres, recorri à pesquisa científica com o intuito de iniciar a investigação. Conforme Gerhardt e Silveira, “a pesquisa científica é o resultado de um inquérito ou exame minucioso, realizado com o objetivo de resolver um problema, recorrendo a procedimentos científicos” (2009, p. 31). Classifico minha pesquisa na linha de pesquisa EDUCAÇÃO E ARTE do curso de Artes Visuais Licenciatura. Quanto à natureza, trata-se de uma pesquisa BÁSICA de abordagem QUALITATIVA, já que, em busca de um aprofundamento, as ideias das pessoas com quem conversei contribuíram e acrescentaram para a formulação e evolução do projeto. Sendo assim,

Os dados coletados nessas pesquisas [qualitativas] são descritivos, retratando o maior número possível de elementos existentes na realidade estudada. Preocupa-se muito mais com o processo do que com o produto. Na análise dos dados coletados, não há preocupação em comprovar hipóteses previamente estabelecidas, porém estas não eliminam a existência de um quadro teórico que direcione a coleta, a análise e a interpretação dos dados. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.70)

A partir dessa perspectiva, posso concluir que, quanto aos objetivos, predominou a PESQUISA EXPLORATÓRIA, que aproximou o projeto ainda mais da compreensão dessa realidade. Esta modalidade de pesquisa tem por objetivo:

[...] proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A grande maioria dessas pesquisas envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão (GIL, 2007).

Para que a pesquisa fosse realizada, foi necessário como ponto de partida um problema, para que pudessem ser formuladas novas possibilidades. Conforme Pradanov e Freitas afirmam: “A pesquisa científica é a realização de um estudo planejado, sendo o método de abordagem do problema o que caracteriza o aspecto científico da investigação” (2013, p. 43).

A fim de que fossem surgindo as respostas para a investigação, foi necessário partir em busca de respostas em livros, artigos e teses. Neste sentido, foi

realizada uma pesquisa BIBLIOGRÁFICA, tornando possível fazer a fundamentação teórica do estudo. Foi necessário também ir em busca de informações com professores, com a artesã/artista e o artista, para que pudesse serem respondidas questões, que somente a partir das respostas das entrevistas e dos questionários, foi possível obter conclusões. Neste caso, então, foi classificado também quanto aos procedimentos técnicos como PESQUISA DE CAMPO, sendo:

[...] utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta, ou de uma hipótese, que queiramos comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que presumimos relevantes, para analisá-los. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.59)

A partir desses pontos, dei corpo ao meu projeto, com o auxílio de referências de alguns livros, das entrevistas feitas com um artista e uma artesã/artista, sendo os dois moradores da cidade de Torres, e de seis professoras também residentes do lugar.

O roteiro das entrevistas foi elaborado para melhor entender o que cada sujeito compreende sobre os temas da pesquisa. Assim, as entrevistas são definidas como SEMI-ESTRUTURADAS, ou seja, partem de questões pré-definidas, individuais, de forma a absorver informações necessárias para minha pesquisa, coletando os vários pontos de vista, com base nas ideias dos os autores Bauer e Gaskell no livro *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático* (2007).

Primeiramente, foram realizadas entrevistas com o artista e a artesã/artista (APÊNDICE A), questionando-os sobre as ideias centrais do meu projeto, partindo das questões que nortearam minha pesquisa. Da mesma forma, porém, com questões voltadas a elas, foram coletadas informações de algumas professoras (APÊNDICE B). Essas entrevistas serviram para analisar se o que estudamos quanto à formação de professores, sobre cultura e arte local, está sendo colocado em prática e valorizada por professores nas aulas de Artes.

3 HISTÓRIA DE TORRES

Considerada “a mais bela praia gaúcha do Rio Grande do Sul” pelos gaúchos,³ Torres está geograficamente localizada no litoral norte do Rio Grande do Sul, fazendo divisa com a cidade Passo de Torres, situada no litoral sul do estado de Santa Catarina; essa divisa é delimitada pelo Rio Mampituba. A cidade possui, de acordo com o Censo do IBGE de 2013, 36.595 habitantes, sendo o 4º maior município da Região do Litoral (FILHO, 2015).

Conforme registros do livro *Historia Torres-Aspectos*, de Nelson Adams Filho, Torres foi o 1º município do Litoral e 26º do Estado do Rio Grande do Sul. Os registros da história do município possuem lacunas e controvérsias, uma delas é sobre o início de sua formação e seus primeiros habitantes. A localidade de Torres era chamada de São Domingos das Torres, na época era distrito de Santo Antônio da Patrulha. Em 21 de maio de 1878, emancipou-se, de acordo com o livro *História Torres-Aspectos Vol. II*, por razões econômicas (FILHO, 2015, p.63). O turismo, na época, não era parte da economia de Torres, e só foi começar a ser a partir de 1915/16, como relatado no mesmo livro. Já hoje a economia gira em torno da “Indústria da Construção Civil, Turismo/Prestação de Serviço, Comércio em geral, Agricultura e Pecuária.” (FILHO, 2015, p. 69)

3.1 COLONIZAÇÃO

Os primeiros habitantes da região hoje denominada Torres, foram os Indígenas, de acordo com Ruy Ruben Ruschel⁴, em seu livro *Torres Tem História*. O autor relata que, “Os mais primitivos foram qualificados de “homens dos sambaquis” e aqui habitaram durante milhares de anos, portanto desde muito antes de Cristo” (RUSCHEL, 2004, p.55). Como pode ser observado, o autor caracteriza os indígenas como “primitivos”, termo utilizado para caracterizá-los como inferiores (aos europeus e seus descendentes) e não pertencentes à civilização (de base europeia) (LAPLANTINE, 1994).

Tendo maior aproximação da história da fundação de Torres, como

³ Esta expressão é recorrentemente repetida pelos moradores e pela imprensa local, principalmente as emissoras de rádio.

⁴ Ruy Roben Ruschel foi Historiador de Torres/RS

registro de povoamento dos primeiros povos habitantes da região, os Índios Guaranis, Ruschel traz um relato de Gabriel Soares de Souza⁵ (escrita do autor) sobre este povo, que os descreveu como,

Este gentio é doméstico, pouco belicoso, de boa razão; segundo seu costume, não come carne humana, nem mata homens brancos que com eles vão resgatar (isto é: comerciar); sustentam-se de caça e peixe que matam e de suas lavouras que fazem, onde plantam mandioca e legumes, como os Tamoios e Tupiniquins. Vivem estes índios em casas bem cobertas e tapadas com cascas de árvores, por amor do frio que há naquelas partes. Esta gente é de bom corpo, cuja linguagem é diferente da de seus vizinhos, fazem suas brigas com os contrários em campo aberto, especialmente com os Guaianazes com quem tem suas entradas de guerra: e como os desbaratados se acolhem ao mato, se têm por seguros, porque nem uns nem outros sabem pelejar por entre ele. Costuma este gentio no inverno lançar sobre si umas peles de caça que matam, uma por diante, outra por detrás. (SOUZA, 2004, p.57 apud RUSCHEL, 1587)

As vestimentas dos Carijós usadas durante o frio intenso remetem significativamente aos palas⁶, que até hoje são utilizados como proteção para os dias frios pelos gaúchos, e é um dos itens que representa essa cultura. Ruschel relata que os Índios Carijós da região foram “habitantes de Torres entre 1600 e 1640, quando foram exterminados pelos paulistas caçadores de escravos e seus “pombeiros” índios.” (RUSCHEL, 2004, p.56). Porém, ainda hoje existem Índios Tupi Guarani que residem na cidade de Torres, e estão localizados no bairro Campo Bonito. Ainda sobre a colonização de Torres, a partir de levantamentos históricos e pesquisas, foi descoberto relatos de colonizadores açorianos,

Conseguimos identificar, assim, a origem maior dessa primeira camada populacional torrense. A parcela mais significativa era de descendentes dos colonos açorianos que tinham vindo para o sul do Brasil no século XVIII. Tratava-se da primeira ou da segunda geração brasileira desses imigrantes. (RUSCHEL, 2004, p.67)

Os imigrantes alemães chegam a Torres em 17 de novembro de 1826. Vieram, inicialmente, 421 colonos alemães, que se instalaram por definitivo em 1827 e 1828 no local de acordo com relatos de Nelson Adams Filho⁷ em seu livro *História*

⁵ Gabriel Soares de Souza (escrito por Ruschel) ou Gabriel Soares de Sousa (1540-1592) foi um autor português, que viveu no Brasil dezessete anos, e durante sua passagem por aqui fez suas escritas. Em 1587, foi composta a obra “*Notícia do Brasil*” e teve sua segunda versão o “*Tratado descritivo do Brasil de 1587*”, publicada em 1851 e 1879.

⁶ Pala é uma vestimenta tradicional gaúcha, usada pelos gaúchos em dias frios.

⁷ Nelson Adams Filho, jornalista formado pela FAMECOS-PUCRS, editor do jornal Diário Gazeta de Torres. Também é pesquisador e editor de livros, revistas e guias de turismo.

Torres: Aspectos-vol. II. “Foi nesse ambiente que os colonos alemães dedicaram-se à agricultura e a cultivar batata, feijão, mandioca e cana-de-açúcar, entre outras coisas que foram aprendendo aqui.” (FILHO, 2015, p.59). Com terra e clima que os favoreciam ao plantio da cana-de-açúcar, surgiu a ideia da produção da cachaça, que os fez progredir. Como Torres era pequena, eles expandiram após anos a venda para Porto Alegre, viajando com transporte lento, puxado por animais, levavam até 15 dias para chegarem lá.

Presentes na história de Torres estão também os negros escravizados na época, que, como refúgio, procuraram a localidade e construíram aqui os “quilombos”. Um quilombo evidenciado no livro *Torres tem História* é o do Morro do Forno, datado em 1840. Os negros ocuparam a mata virgem, e iniciaram o cultivo fazendo roças e ranchos, dividindo espaço em lotes distribuídos para os alemães já presentes também na época.

O município tem uma diversidade étnica, sendo constituída de uma grande riqueza cultural e, conseqüentemente, fazendo com que a cidade tivesse crescimento no campo do artesanato e arte.

3.2 TURISMO

A cidade tem a atividade turística como a maior parte de sua economia. Todos os anos, a cidade recebe vários visitantes, principalmente durante o verão. Nessa época do ano, com o número de pessoas que vêm a lazer, negócios ou descanso, a cidade chega a calcular entre “200 a 250 mil habitantes, entre fixa e visitantes” (FILHO, 2015, p. 69), especialmente em épocas festivas como o Réveillon e o Carnaval. Torres dispõe de alguns pontos turísticos para visitaçaõ como, a Lagoa do Violão, Ilha dos Lobos, as Três Torres: Morro do Farol, Praia Molhes, Morro das Furnas e o Morro da Guarita, a Igreja de São Domingo (primeira igreja construída na época no trecho de Laguna até Osorio), a ampla paisagem natural das praias e a extensão de mar que permeia toda a região leste da cidade (Imagem 1).

Imagem 1 - Pontos Turísticos de Torres



Fonte: <http://www.pontosturisticosbrasil.org/fotos-da-cidade-de-torres-e-pontos-turisticos.html>

Por ser uma cidade turística, Torres possui muitos pontos de artesanato e arte espalhados pela cidade. O artesanato, por exemplo, está presente em espaços como ateliês, o camelódromo (Imagem 3) e lojas espalhadas pelo centro da cidade (Imagem 2). No verão, devido ao grande movimento de turistas, são instaladas tendas para a divulgação e comercialização na praia.

Imagem 2 - Loja de artesanato no centro da cidade



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Imagem 3 - Loja de artesanato no camelódromo de Torres/RS



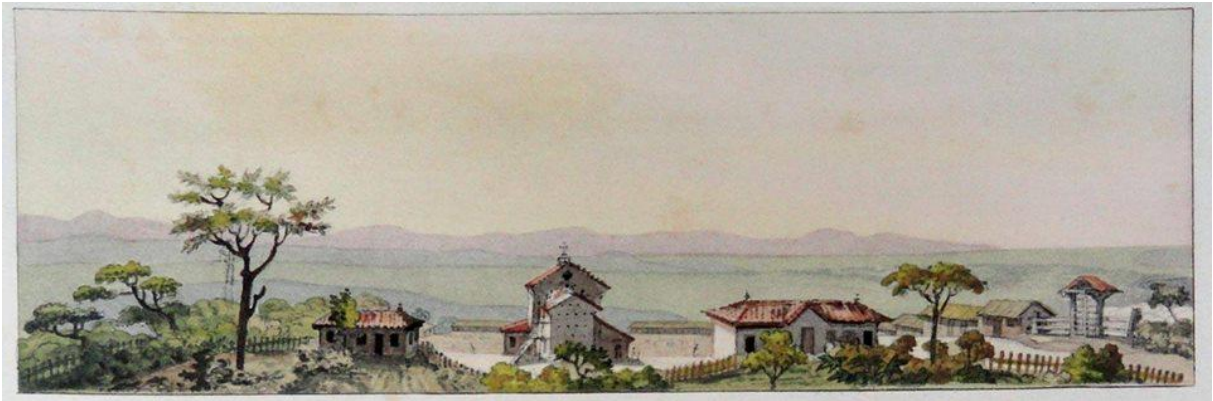
Fonte: Acervo da Pesquisadora

Os pontos de arte da cidade estão localizados em hotéis que expõem produções de artistas da cidade, e esse tipo de incentivo a arte já vem de tempos atrás. Ruschel, em seu livro *Torres tem História*, cita uma proposta feita por ele aos artistas e influentes na década de 1990, e que foram colocadas em prática. Ele afirma que:

Em 1991, o panorama não parecia tão progressista. Em 27 de setembro daquele ano, sob o título “Desempenho Cultural”, publiquei diagnóstico menos favorável: “Os artistas plásticos locais (que são bons) não se organizam e não divulgam suficientemente seu trabalho isolado, nem conseguem trazer outros de fora para trocar idéias e experiências”. Um mês depois, em carta ao Núcleo de Cultura, propus: “Reunir os artistas plásticos locais e coordená-los com os proprietários dos principais hotéis e restaurantes para obter exposições em seus saguões ou salas adequadas, durante boa parte do próximo veraneio”. Mas eu andava equivocado. Os artistas já se vinham conscientizando e dali a menos de uma vintena deles realizavam a mostra coletiva “Art & Torres” ...” (RUSCHEL, 2004, 675-676)

Existem relatos históricos de Torres sobre a passagem de importantes ícones da arte. “No século passado, Torres foi fonte de inspiração para Jean-Baptiste Debret e Herrmann Rudolf Wendroth, pintores estrangeiros que o acaso fez passar neste litoral agreste.” (RUSCHEL, 2004, p.676). É a partir de registros de pontos da cidade, como a pintura de Debret (Imagem 4), que a passagem dos artistas se torna ainda mais evidente.

Imagem 4 - Pintura de Jean Baptiste Debret



Fonte: <http://www.litoralmania.com.br/pesquisa-refaz-trajeto-de-d-pedro-i-pelo-litoral-norte-gaucha/>

Agregada a essa paisagem cultural, enfatiza-se a presença de ateliês distribuídos pela cidade, onde artistas fazem suas produções para venda e também promovem aulas coletivas para crianças e adultos. Neste caso, a cidade de Torres, evidenciada nesta pesquisa, com a forte atividade turística, principalmente no verão, possui grande presença artística. Com o turismo, o número de artistas na cidade é ainda maior, pois também recebe artistas de outras regiões.

4 ENSINO DE ARTES E CULTURA LOCAL

Durante todo o trajeto que percorri nesses quase quatro anos de curso – Artes Visuais Licenciatura da UNESC – foi firmada e fortalecida a ideia de criar possibilidades em sala de aula. Uma delas é ampliar o olhar do aluno para seu entorno, buscando promover seu interesse com a cultura e arte local. E o professor é a peça fundamental para a promoção dessa amplitude de conhecimento. Segundo o DCN de Graduação em Artes Visuais:

Art. 4º O curso de graduação em Artes Visuais deve possibilitar a formação profissional que revele, pelo menos, as seguintes competências e habilidades para: I - interagir com as manifestações culturais da sociedade na qual se situa, demonstrando sensibilidade e excelência na criação, transmissão e recepção do fenômeno visual; (BRASIL, 2009, p.2)

Ou seja, é papel do professor de Artes ser propositor e propagador da arte, oferecendo um vasto repertório para promover a transformação do olhar estético e da sensibilidade do aluno. Por isso, o professor não pode restringir-se somente ao ensino dos períodos históricos, e em expor somente referências de artistas estrangeiros. Apresentar a arte do entorno e a diversidade artística e cultural existente dentro de sua própria cidade possibilita ao aluno maior aproximação de sua cultura, fortalecendo também laços entre professor, aluno e comunidade. É possível firmar isso a partir de documentos que norteiam nossa educação. Conforme o PCN de Artes do Ensino Fundamental de 1º a 4º série (1997):

O professor pode descobrir, em primeiro lugar para si mesmo, o valor e a riqueza das manifestações artísticas brasileiras na sua variedade. Além disso, pode encontrar, na arte local de sua comunidade, uma fonte inestimável de aprendizagem para seus alunos. O professor pode tanto apresentar formas artísticas a partir de sua pesquisa pessoal como solicitar dos alunos dados sobre a arte produzida na sua comunidade. Esse tipo de trabalho pode dar condições para que os alunos se percebam como produtores de cultura, ao mesmo tempo que desenvolvem uma compreensão de códigos culturais. (BRASIL, 1997, p.75)

Para isso, o professor precisa envolver-se com a comunidade, com a cidade onde a escola está situada. Promovendo a aproximação artística cultural através de pesquisas, descobrindo o que o circunda, conhecendo sobre a arte do local e qual a relação dos artistas com a cidade. Isso poderá favorecer a aproximação entre o professor e o aluno. Arslan e Lavelberg, no livro *Ensino de Arte*,

tratam esse conceito de envolver o aluno nessa busca por desvendar o que está próximo de si:

O arte-educador pode pesquisar ao redor da escola, no bairro onde trabalha, fazer uma caminhada atenta e perceber as imagens e manifestações artísticas que emergem no local e elaborar um inventário artístico-cultural da região. Identificar as manifestações que contenham artisticidade pode ser um trabalho coletivo dos alunos, orientados pelo professor. (ARSLAN; IAVELBERG, 2007, p. 41-42)

O professor pode aproximar o aluno da arte mostrando-lhe não apenas as produções artísticas de seu estado, país ou de outros países, mas também lhe apresentando as obras produzidas no contexto local. Ou seja, pode não ser totalmente palpável para os alunos entrar em contato somente com produções de artistas “distantes”, sendo que desconhecem os artistas da própria cidade em que residem. É nessa linha de pensamento que essa pesquisa busca instigar o pensamento sobre a busca da cultura e da arte local, incluindo-as na prática do ensino de Artes. Trago, com o intuito de fortalecer essa prática, o PCN de Artes de 1º a 4º ano (1997), que nos traz a importância de trabalhar a cultura local já nos primeiros anos da vida escolar do aluno:

Trata-se da necessidade de buscar elementos disponíveis na realidade circundante que contribuam para o enriquecimento da aprendizagem artística de seus alunos: imagens, textos que falem sobre a vida de artistas (seus modos de trabalho, a época, o local), levantamento sobre artistas e artesãos locais, revistas, vídeos, fitas de áudio, cassetes, discos, manifestações artísticas da comunidade, exposições, apresentações musicais e teatrais, bem como acolhimento dos materiais trazidos pelos alunos. (BRASIL, 1997, p. 71)

O aluno que desenvolve estudos sobre seu entorno, ou melhor, sua comunidade, sua cidade, não está somente aprendendo sobre a arte na escola. Ele estará se desenvolvendo para além dos portões do ambiente escolar, expandindo seu olhar, tornando-se crítico, pois terá a chance de estar muito mais próximo das linguagens da arte, de forma palpável, e tornar-se um formador de opinião que possui conhecimento e somou referências a partir das experiências que o professor proporcionou.

Por não desenvolver a cultura local com seus alunos, o professor não favorece a valorização de artistas e artesãos locais, que, por consequência, acabam não sendo reconhecidos pelos próprios moradores da cidade onde vivem. Sendo

assim, não possibilitam a ampliação do repertório cultural. Diante disso, é reforçada aqui a preocupação quanto à valorização da cultura, artistas locais e o contexto artístico cultural, visando à educação.

E falando em cultura, existem várias interpretações sobre este termo. Para o senso comum, a cultura é interpretada como “inteligência” ou “conhecimento”, como traz Da Matta⁸ em seu texto. Porém, ele diz que cultura possui outros significados para os antropólogos:

[...] quando um antropólogo social fala em "cultura", ele usa a palavra como um conceito chave para a interpretação da vida social. Porque para nós "cultura" não é simplesmente um referente que marca uma hierarquia de "civilização" mas a maneira de viver total de um grupo, sociedade, país ou pessoa. Cultura é, em Antropologia Social e Sociologia, um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas. (DA MATTA, 1981, p.2)

Assim, grupos de uma mesma cultura passam a ter normas de como deve ou não ser, que deve ou não agir. Da Matta (1981) afirma que esses indivíduos terão ideias semelhantes, porém terão algumas opostas, mas que todos serão parte dessa coletividade, construindo uma identidade cultural que irá caracteriza-los.

Além dessa concepção de cultura, existem diversas outras, como as disputas teóricas entre França e Alemanha, conforme Laraia (2000) traz em seu livro,

No final do século XVIII e no princípio do seguinte, o termo germânico Kultur era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa Civilization referia-se principalmente às realizações materiais de um povo. Ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor (1832-1917) no vocábulo inglês Culture, que "tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade".¹ Com esta definição Tylor abrangia em uma só palavra todas as possibilidades de realização humana, além de marcar fortemente o caráter de aprendizado da cultura em oposição à idéia de aquisição inata, transmitida por mecanismos biológicos. (LARAIA, 2000, p.35)

Essas variadas visões nos mostraram novas formas e versões de ver o mundo e a cultura, agindo como “fermento para produção de ideias, paradigmas

⁸ Rodrigo Da Matta é antropólogo, pesquisador e professor de Antropologia Social.

teóricos e práticas de indignação”, que estimula de forma considerável a evolução das “ciências humanas e das artes no século XX” (MARTINS, 2015, p.18).

Possibilidades e informação não faltam para levarmos o debate sobre cultura em sala de aula. Esse tal “fermento” para a produção de ideias deve estar presente na educação, incentivando a compreensão sobre a realidade local, a busca pelo novo, ampliando a visão do aluno e proporcionando o crescimento individual do professor. E pensando na cultura e na cidade de Torres que possui a presença de artistas e também artesãos, no próximo capítulo trago alguns autores que falam sobre arte e artesanato, apresentando diferentes visões sobre estes dois assuntos.

5 ARTE E ARTESANATO

Nada mais justo que iniciar este capítulo com aquela pergunta: “O que é arte?” Essa é a pergunta que nunca calou durante todo o percurso da minha graduação.

Conceituar arte não é nada fácil atualmente. O período da arte dita erudita, quando a ideia de perfeição era valorizada, pode ser considerado o momento histórico no qual a definição de arte apresentava-se de forma mais homogênea. Atualmente, conceituar arte contemporânea é uma missão complicada. O autor Jorge Coli faz uma breve tentativa de explicar um pouco sobre arte.

É possível dizer, então, que arte são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo, isto é: nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia. (COLI, 1995, p.8)

E o autor conclui nos tranquilizando a seguir: “[...] podemos ficar tranquilos: se não conseguimos saber o que a arte é, pelo menos sabemos quais coisas correspondem a essa ideia e como devemos nos comportar diante delas.” (COLI, 1995, p.8). Outro autor, Coelho (2008, p.105), define que “arte é a exceção de um processo do qual a cultura é a regra”, trazendo como exemplo a inutilidade da arte, e ressaltando que a arte não deve ser domesticada, no sentido de dar função a ela.

Referente à definição de arte, ultimamente a pergunta que tenho ouvido tem sido outra: “quando é arte?”⁹ Cada povo pode possuir também uma visão própria de arte, conforme Geertz (1998). A partir da Semiótica, o autor explica que o homem atribui significados para as coisas por meio de símbolos, e cada uma dessas coisas pode ter diversos significados. “A variedade da expressão artística decorre da variedade das concepções que possuem os homens sobre a maneira como as coisas são...” (GEERTZ, 1986, p. 150).

Nosso Brasil, colonizado por diversas etnias, é rico em sua diversidade cultural, e conseqüentemente diversificado em sua comida, religião, costume e arte. Em meio a toda essa riqueza, entre semelhanças e diferenças, cada região constrói sua própria característica cultural.

⁹ Prof. Dra. Luciana Gruppelli Loponte, doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, utilizou essa expressão para problematizar a definição de arte no I Seminário de Pesquisa em Arte, que aconteceu na UNESCO no dia 29 de agosto de 2017.

Encontramos essa variedade, inclusive, na arte e no artesanato. Sobre a arte, por exemplo, na contemporaneidade, que estamos vivenciando, encontramos vestígios de artesanato – raízes de povos, que carregam em sua bagagem seus costumes por décadas, preenchendo seus artefatos com ela. Ao passar do tempo, com o grande desenvolvimento da arte, essas tradições foram sendo adotadas e utilizadas, inspirando a arte de galerias e museus.

Geertz (1986) menciona a dificuldade de falar sobre a arte, comentando ser difícil ter palavras para tratar sobre as artes literárias, e ressalta que essa dificuldade é ainda maior quando se trata do que não é literário. Agora, imagine uma situação ainda mais complexa, o misto de arte e artesanato em meio a toda essa onda contemporânea, no qual se unem o manual ao intelectual.

Se iniciarmos uma análise sobre o processo criativo da arte e do artesanato, nota-se que não são tão distintos quanto muitos pensam. Se comparar a arte indígena e a arte conceitual, serão encontradas muitas semelhanças. A arte conceitual não apresenta definições certas e claras, nas quais as pessoas formulam suas próprias opiniões sobre. E os grafismos e artefatos indígenas, como defendem alguns pesquisadores, tem características semelhantes, pois a compreensão é complexa, com diversos significados. Alfred Gell (2001), por exemplo, reforça esse entendimento, exemplificando que, em algumas culturas, bustos de personalidades assumem posições políticas, pinturas religiosas possuem funções litúrgicas, e em lugares que a escrita é ausente, máscaras falam por si, cheias de significados. Para Gell, qualquer objeto ou performance que esteja carregado de significados, instigando a interpretação do observador, qualquer coisa considerada “armadilha de pensamentos” nos contendo durante um período de tempo e que promova relações entre homens ou homem e objetos pode ser denominada arte (GELL, 2001). Ou seja, para cada cultura um significado, quem realmente fará as significações será o povo que naquela cultura vive. Como explica Lagrou (2010, p. 2), as produções de cada cultura “são objetos que condensam ações, relações, emoções e sentidos.”.

A professora pós-graduada em Sociologia e Antropologia Els Lagrou traz, em um trecho de seu artigo *Arte ou artefato? Agência e significado nas artes indígenas*, que o processo de criação do artesanato entre povos indígenas é algo que não depende somente da técnica, aproximando sua criação das produções de grandes artistas. Lagrou (2010) afirma que:

O fator considerado responsável pelo êxito de um artefato depende do tipo de arte em questão: pintura corporal, tecelagem, trançado, cerâmica, escultura, produção de máscaras ou arte plumária. Quando predomina a dificuldade técnica, serão prezadas a concentração, habilidade, perfeição formal e disciplina do mestre. Mas quando predomina a expressividade da forma, a fonte de inspiração é quase sempre atribuída a seres não humanos ou divindades que aparecem em sonhos e/ou visões. Dificilmente se responsabilizará a 'criatividade' do artista pela produção de novas formas de expressão. O artista é antes aquele que capta e transmite ao modo de um rádio transistor do que um criador. Prezam-se mais suas capacidades de diálogo, percepção e interação com seres não-humanos, cuja presença se faz sentir na maior parte das obras de aspecto figurativo, do que a capacidade de criação ex nihilo, criação do nada. Esta ideia de ser mais receptor, tradutor e transmissor do que criador vale para a música, a performance e a fabricação de imagens visuais e palpáveis. (2010, p.8)

Com a influência da contemporaneidade, muitas características do artesanato vêm sendo inseridas na arte por diversos artistas. A artista Sonia Gomes¹⁰ é uma das que aderiu a estas ideias, fazendo de suas produções seu registro, no qual utiliza tecidos antigos, trançados, bordados, enrolados ou atados (Imagem 5 e 6). Em meio à personalidade das tramas nas esculturas de tecidos, desenrolam-se questões da vida da artista, trazendo a identidade racial e suas memórias de infância.

Imagem 5 - Produções de Sonia Gomes



Fonte: <http://www.premiopipa.com/pag/sonia-gomes/>

¹⁰ De acordo com o site Prêmio Pipa, Sonia Gomes é “nascida em Caetanópolis, MG, de mãe negra e pai branco, Sonia Gomes é uma fusão também de muitas lembranças. Sônia traz a influência forte da avó, parteira, benzedeira e useira de rodilhas na cabeça. Da família branca, herdou a ruminação dos guardados, das fotos, dos retalhos de tecidos vindos da fábrica, dos afetos fragmentados. Sonia faz arte para se expressar e para que o instante vivido possa ser trazido novamente à vida. Entre o popular e o erudito, o mundo da artista mineira remete-nos a uma poderosa tradição brasileira que transforma materiais instáveis e difíceis em arte permanente e contemporânea na trama extremamente inventiva de suas colagens e construções.”

Fonte: <http://www.premiopipa.com/pag/sonia-gomes/>

Imagem 6 - Produções de Sonia Gomes



Fonte: <http://www.premiopia.com/pag/sonia-gomes/>

Se pensarmos na questão da herança e memória, vemos que o artesanato soma as peças “expressão da espiritualidade, das crenças, dos rituais e dos sistemas simbólicos de uma determinada sociedade” (FREITAG, 2015) onde conseguimos identificar sua cultura. E é desta forma que a artista Sonia Gomes propõe em sua arte essas ligações, transmitindo toda sua experiência de vida para suas produções.

Sonia Gomes trouxe grandes influências da infância, somando e caracterizando consideravelmente sua arte como uma marca registrada. Pensando tanto na figura da artista quanto da artesã, e em seus primeiros passos, em suas primeiras experiências, diz Freitag (2015) que tanto uma quanto a outra passam quando crianças por experiências estéticas e também artísticas, através das quais manifestam habilidades manuais e técnicas; e, com o passar do tempo, precisam pesquisar incessantemente, estabelecendo seu trabalho e familiaridade com fantasias e ilustrações, que dão essência às suas produções. Sendo assim, um é semelhante ao outro, tratando das primeiras experiências nas duas áreas.

Porém, é visível o distanciamento entre os territórios da arte e do artesanato. Freitag (2015) menciona que o artesão começa a adquirir seu

conhecimento a partir do contato com a família e conhecidos próximos, partindo da experiência de ajudar outros artesãos, reforçando a questão cultural do artesanato. Canclini (2003) afirma que o artesanato é visto por muitos como “produto de índios e camponeses”, identificado como popular e utilizado. Já o artista inicia, muitas vezes, suas experiências em ambientes formais, podendo ser escolas, cursos, entre outros. Porém, existem casos à parte, como os de autodidatas, que se desenvolvem com o tempo, partindo da própria experiência ao longo da vida.

Mas será que o artesão não busca por referências para suas produções? Néstor García Canclini, em um capítulo de seu livro *Culturas Híbridas*, traz o depoimento de um artesão do Povo Indígena Purépechas do México, sobre suas inspirações para criar, talvez respondendo parte do questionamento:

Lembro-me da conversa com um produtor em sua casa de Ocumicho. Falávamos de como as imagens vinham a sua mente e lhe sugeri que explicasse como o diabo era concebido entre os purépechas. [...] perguntei-lhe se tiravam cenas de seus sonhos, ele ignorou a pergunta e começou a pegar uma Bíblia ilustrada, livros religiosos e de arte (um de Dalí), seminários e revistas em espanhol e em inglês rico em material gráfico. Não conhecia a história da arte, mas tinha muita informação sobre a cultura visual contemporânea, que arquivava menos sistematicamente mas manejava com uma liberdade associativa semelhante à de qualquer artista. (2003, p. 244)

Existem teorias que dividem a arte e o artesanato. Canclini cita um dos argumentos utilizados para essa seleção, que diz que o artesanato é produzido em série e a arte em peças únicas. O que se prova contrário, pois, pode-se dizer que, após a arte conceitual, tudo isso deve ser repensado. Conforme Lagrou, depois que Marcel Duchamp instalou seu urinol, o artista passou a ser criador do seu próprio estilo, a necessidade da produção do novo torna-se mais forte do que a tradição ou estilo artístico. Abrem-se, assim, portas para produções mistas, com intervenções de novas influências, como é o caso do artesanato (LAGROU, 2010).

Se lembrarmos de produções em série, isso poderá nos remeter a lembranças do artesanato. Porém, quando se trata da quantidade das produções de arte, isso se fará necessário de acordo com cada artista, podendo elas serem únicas ou não, como é o caso da artista plástica Adriana Varejão¹¹, em sua série

¹¹ Adriana Varejão é artista visual nascida no Rio de Janeiro, que produz, principalmente, pinturas, mas também incorpora outras linguagens, como a escultura. “Sua obra expõe a violência nos processos de assimilação cultural. Questiona ainda a superfície pictórica, o papel simbólico da imagem e a maleabilidade de seus signos. Tal como as incisões em sua pintura, a iconografia colonial

denominada “Polvo”, que são 33 quadros autorretratos da artista, conforme a Imagem 7, em diferentes cores, tratando das questões da diversidade cultural do nosso país.

Imagem 7 - Série "Polvo" 33 de Adriana Varejão



Fonte: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/adriana-varejao>

Com a flexibilidade da noção de arte hoje, isso se torna possível, fugindo do pensamento erudito de produzir arte. E se olharmos para questões de apropriação de objetos pré-existent, são muito claros os vestígios do artesanato e da cultura popular nas produções da artista Joana Vasconcelos¹². A artista desenvolve intervenções, esculturas, e outras, com fios e tecidos coloridos, bem evidenciados nas Imagens 8 e 9. As produções da artista mostram exatamente o que Gell (2001) trata sobre a representação da arte e do artefato para cada cultura e para cada indivíduo formador de opinião em que dela faz parte. Na Imagem 8, apresentada abaixo, tecida pela artista e pescadores, a rede, o barco e outros diversos adereços colocados na rede e no barco, vemos, ainda, que a estrutura montada foi utilizada para uma procissão religiosa, transportando São Pedro.

surge como irrupção anacrônica. Mas a escolha dos signos é sempre permeada pelas relações que estabelecem com a contemporaneidade”. <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa17507/adriana-varejao>

¹² Conforme o site oficial da artista, “Joana Vasconcelos nasceu em Paris, em 1971. Vive e trabalha em Lisboa. Expõe regularmente desde meados da década de 1990. O reconhecimento internacional do seu trabalho aumentou com a participação na 51.ª Exposição Internacional de Arte – *la Biennale di Venezia*, em 2005.” Fonte: <http://joanavasconcelos.com/>

Imagem 8 - Produção de Joana Vasconcelos



Fonte: <http://joanavasconcelos.com/obras.aspx>

Imagem 9 - Produção de Joana Vasconcelos



Fonte: <http://joanavasconcelos.com/obras.aspx>

Imagem 10 - Produção de Joana Vasconcelos



Fonte: <http://joanavasconcelos.com/obras.aspx>

Independente das definições de arte ou artesanato, ambos são parte integrante da cultura local. Trago, no capítulo a seguir, a apresentação e análise dos dados desta pesquisa, buscando analisar de que forma os entrevistados pensam sobre essas questões.

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresento os resultados das pesquisas de campo realizadas na cidade de Torres, divididos em duas partes. Primeiramente, apresento os dados das entrevistas com o artista Jorge Herrmann e também a artesã/artista Naza. Em seguida, apresento a pesquisa feita com seis professoras para compreender suas noções sobre a arte e a cultura local.

6.1 ARTISTA E ARTESÃ/ARTISTA

Foi maravilhoso ter a oportunidade de conhecer o trabalho do pintor e desenhista Jorge e da escultora Naza. Trago, na tabela abaixo, alguns dados coletados na entrevista que considero relevantes para a identificação dos entrevistados.

Tabela 1 - Identificação do Artista e Artesã/Artista Entrevistados

	Tempo de atuação na área	Formação	Iniciou na área em...	Local de residência
JORGE (ARTISTA)	Mais de 30 anos	Desenho	1983	Torres, há quatro anos
NAZA (ARTESÃ/ARTISTA)	27 anos	Autônoma	1990	Torres, há trinta e um anos

Fonte: Arquivo Pessoal

Em conversa e visita aos ateliês do artista e da artesã/artista, descobri que os dois desenvolvem seus trabalhos tendo ligação com a cidade onde vivem. Ambos possuem trabalhos sociais que envolvem a cultura da cidade de Torres. Naza, por exemplo, frequentemente está envolvida em projetos sobre a cultura afro-brasileira e africana. E Herrmann sempre se relaciona com questões ambientais.

Quanto à formação, Herrmann iniciou os estudos universitários em biologia e depois história, porém, sem concluir os dois. Depois, começou na área de publicidade, onde trabalhou com desenho. Por último, resolveu fazer faculdade de Artes Plásticas voltada para o Desenho, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS, onde seguiu o caminho e atua na área até hoje, produzindo e fazendo seus estudos. No desenho, desenvolve traços mais orgânicos, surrealistas (Imagem 12-2). Ele disse ter também uma relação com a música, pois toca alguns instrumentos, e segue os passos do irmão, que é músico.

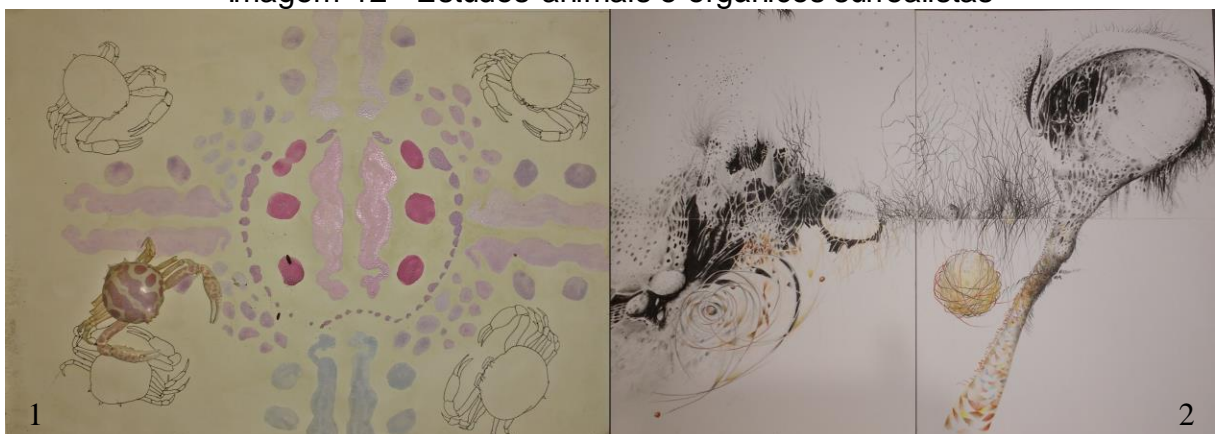
Foi por este percurso que Herrmann resolveu investir seu gosto pela biologia – deixada de lado no início da vida universitária – nos estudos dos desenhos (Imagem 12-1) e, logo em seguida, nas pinturas também. Hoje, ele vem desenvolvendo estudos e telas sobre as diversas paisagens de Torres (Imagem 11, 13 e 14), e me disse na entrevista que, além dos parentes que moram na cidade, foi essa relação com a natureza que o trouxe também para Torres. Hoje, trata muito das questões ambientais da região. Abaixo apresento alguns registros de obras presentes no ateliê, feitos durante a entrevista.

Imagem 11 - Quadros do artista Jorge Herrmann (paisagens de Torres)



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Imagem 12 - Estudos animais e orgânicos surrealistas



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Imagem 13 - Quadros do artista Jorge Herrmann (paisagens de Torres)



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Imagem 14 - Quadros do artista Jorge Herrmann (paisagens de Torres)



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Naza já iniciou nas esculturas e em outras produções por necessidade de “se encontrar em algo” e por necessidade daquele momento da vida, com a ausência do marido. Em nossa conversa, ela relata que *“pelo fato de ficar muito sozinha com as crianças, queria tirar uma renda, me encontrar como pessoa, porque eu era empregada doméstica. Então eu queria me desafiar, saber se eu era capaz de fazer algo diferente.”* Daí em diante, determinou-se em desenvolver o artesanato e a escultura. Passaram-se 27 anos, e Naza está na área até hoje, e já buscou alguns cursos para administrar o seu próprio negócio.

Pelo que observei em nossas conversas, ela também apresenta forte relação com a natureza. Seu ateliê fica em meio a árvores e plantas diversas. Ela aproveita, além do material que consegue com as madeiras, também o que tem

em seu quintal, e dali mesmo aproveita e faz seus estudos com alguns tipos de árvores que considera diferente e interessante para desenvolver as peças.

Naza busca evidenciar em suas esculturas diversas questões. Alguns temas que percebi são sobre a mulher, questões raciais, as carrancas e a cidade de Torres. Além desses estudos, ela também recebe encomendas de detalhes entalhados em madeira para móveis e prepara também lembranças de Torres para a venda para os turistas que visitam a cidade. Apresento, nas imagens 15 e 16, algumas das produções que registrei.

Imagem 15 - Esculturas: Carrancas, Mulher, Pontos de Torres e Rostos



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Imagem 16 - Entalhes para móveis e Lembranças de Torres



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Iniciei a conversa com Naza tratando sobre arte, perguntei que forma ela se nomeia e se considera: artista ou artesã? Ela responde da seguinte forma: *“Me defino como artesã, com potencialidade artística.”* Então fala sobre livros que ela leu, de grandes artistas, e diz que *“os grandes mestres, eles só expressaram a arte deles, e depois eles foram mestres que ensinaram a arte deles. E eu comecei a experimentar isso, sabe?”*. Ela se vê como a artesã que estuda para a arte, que busca coisas novas, técnicas, ferramentas e que faz estudos para chegar ao produto final.

Também questiono se, para ela, existem diferenças entre o artesanato e a arte. Então ela explica: *“A diferença entre artesanato e arte... Artesanato já traz no nome matéria-prima abundante que pode ser natural, industrial ou aproveitamento mais pessoal, local, que desenvolve um produto com aquela matéria-prima que pode ser vestuário, utilitário ou acessório. A arte tem interferência acadêmica, transmitida por grandes mestres, anatomia etc....”* A autora Freitag (2015), presente na fundamentação dessa pesquisa, traz essa mesma perspectiva, afirmando que os artesãos aprendem com as pessoas do meio em que vivem, passando esse conhecimento de um para o outro, enquanto os artistas vivenciam experiências e aprendizados em espaços formais.

Seguindo meu roteiro, questiono o pintor Herrmann de forma a entender o que ele pensa sobre o artesanato e o artesão, e ele responde o seguinte: *“Acho que é uma das expressões do universo da arte, embora não possa ser enquadrado como arte pura e simplesmente. O artesanato tem um propósito e vale-se da repetição para a produção das suas peças. A arte propriamente dita não precisa de vertente, que vai atingir todos os âmbitos da vida humana.”* Ao final, ele faz uma certa comparação, expondo sua visão sobre a questão que lembra muito o argumento que muitos utilizam para explicar as diferenças entre arte e artesanato apontado por Canclini em seu livro *Culturas Híbridas*, definindo que o artesanato é feito de repetições e a arte de peças únicas.

Aproveitei e já o questionei se ele considerava o artesanato tão valioso para a cultura local quanto sua arte: *“Eu diria que o artesanato leva a alma da arte nele. Sim, sem dúvida, mas guardados os limites de cada um. No artesanato, como disse, há um propósito e uma repetição de modos de fazer; na arte, tudo é terreno inexplorado, tudo é risco e conquista.”*

Ao final de cada entrevista, pergunto aos dois, nas duas ocasiões, se eles já haviam recebido visitas em seu ateliê, ou feito algum projeto em escolas divulgando seus trabalhos. Herrmann, na época da entrevista, disse que nunca recebeu nenhuma escola em seu ateliê, e que era devido ao tempo e às pesquisas de trabalho, mas que já iria apresentar seu trabalho a algumas turmas de uma escola e fazer algumas dinâmicas com os alunos. Já Naza disse que nunca recebeu visitas e nem foi às escolas. Aproveito a ocasião para perguntar se aceitariam receber turmas alunos, a partir de visitas programadas, e os dois respondem que sim.

Em meio a todo esse projeto, como forma de já experimentar do meu próprio experimento, eu agendei duas turmas de 5º ano para visitar o ateliê do pintor Jorge Herrmann, já que eu estou trabalhando a cultura regional com eles. Então, nada melhor do que iniciar conhecendo a arte local. O ateliê fica próximo à escola em que atuo, e Herrmann, sempre atencioso, aceitou a proposta e convidou uma outra artista, aluna dele, para participar. A experiência foi muito boa e divertida, os alunos ficaram maravilhados com tudo que viam. Experimentaram tintas, conversaram muito com os artistas, Herrmann também explicou sobre suas produções e a da outra artista¹³, contando como acontece a fruição das ideias para as suas produções, quando passou de rabiscos nos cadernos da escola para as aulas de pintura. Ele nos mostrou também uma série de pinturas, construída a partir de seres imaginários e lugares imaginários. A visita só não foi tão intensamente aproveitada pelos alunos, pois eram em torno de 55 no total. Mas a experiência foi muito válida e proveitosa. Ao fim da visita, os alunos ganharam um presente, uma muda de cada de açaí originário da região. Uns dias depois da visita, Herrmann entrou em contato perguntando qual foi o resultado da visita. Eu lhe respondi que foram só elogios e surpresas por parte dos alunos. Futuramente, pretendo levar outras turmas, e se tudo der certo, agendarei com Naza e outros artistas que, aos poucos, irei conhecendo.

Sobre comentários dos alunos sobre a visita, tive diversos, uns maravilhados, outros curiosos. Ao mesmo tempo que eles iam olhando os materiais, como livros, cartões postais, e todo o resto escrito, eu já ia explicando um pouco do que estava exposto, tirando dúvidas básicas. Ainda não tenho os relatos, pois a

¹³ Por conta da ausência da liberação para uso do nome da artista nesta pesquisa, optei por não identificá-la no texto.

visita foi dia 26 de outubro de 2017, e eles só irão entregar os relatórios dia 09 de novembro de 2017, após a escrita deste trabalho. Pude observar, por meio dos comentários que fizeram nos corredores da escola, que amaram a visita, que a visita foi “show”, para citar as palavras deles. Percebi, mesmo durante a visita, que estavam gostando da experiência, pois muitos pediram autógrafos e deram cartas de presente aos artistas.

É diferente quando vemos olhos vidrados, encantados, acompanhados a agradecimentos. É aí que vemos que vale cada pesquisa, descoberta, cada esforço para levar algo novo. Tudo isso feito com amor ao que escolhemos ser, PROFESSOR.

6.2 PROFESSORAS

Foram entrevistadas seis professoras de Artes atuantes nas escolas de Torres. A partir da elaboração de um roteiro de entrevistas, foi possível colher informações relevantes para a análise desta pesquisa. A tabela abaixo mostra alguns dos dados sobre as seis entrevistadas. Utilizo a representação da letra “E” como forma de manter em privacidade a identidade de cada uma.

Tabela 2 - Identificação das Professoras Entrevistadas

Professoras entrevistadas	Tempo de atuação	Formação	Ano de formação	Rede de Ensino onde atual	Local de residência
E1	14 anos	Magistério, Licenciatura em Ensino da Arte na diversidade	2007	Estadual	Torres, há 2 anos
E2	2 anos	Magistério, Artes Visuais, Pedagogia e pós-graduação em Arte e Educação	2015	Municipal, Estadual e Particular	Torres, há 7 anos
E3	20 anos (Atuando em escolas a seis	Desenho e pintura, Desenho, Artes e pós-graduação em Teatro, História da	2007	Municipal e Particular	Torres (residia em Torres, foi morar em São Paulo, e voltou

	anos)	Arte e Educação Estética			a 6 anos)
E4	10 anos	Licenciatura em Artes Visuais	2006	Municipal	Três Cachoeiras
E5	18 anos	Bacharelado em Artes plásticas, Licenciatura em educação artística, com especialização em metodologia em ensino da arte	2000	Municipal	Torres
E6	3 anos e 6 meses	Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais, com pós-graduação em Arteterapia	2010	Municipal	Torres, há 2 anos e seis meses

Fonte: Da Pesquisadora

Destaco que todas as seis pessoas entrevistadas são mulheres, e que lecionam na cidade de Torres, nas redes de escolas municipais, estaduais e/ou particular. A professora **E1** é moradora de Torres há dois anos, tem formação no Magistério, licenciatura em ensino da arte na diversidade. Formou-se em 2007 e trabalha como professora de Artes há quatorze anos. Atualmente, trabalha em rede estadual.

A entrevistada **E2** é moradora de Torres há sete anos. Aos 27 anos, fez magistério, depois iniciou a faculdade de Artes Visuais e pedagogia, concluiu os dois cursos em 2015, e logo iniciou a pós-graduação em arte e educação, que durou um ano. Também fez curso de especialização para educação especial, feito em janeiro deste ano na APAE de Osório. É professora de Artes há dois anos. Leciona em rede municipal com séries iniciais e finais do ensino fundamental, estadual com séries finais, ensino fundamental e particular, ensino à distância para EJA, ensino fundamental e ensino médio.

E3 é natural de Torres, porém morou um tempo em São Paulo, e voltou a morar em Torres há seis anos. Formada em Desenho e Pintura, Desenho e Artes. É pós-graduação em Teatro, História da Arte e Educação Estética. Em arte, se formou-

se em 2007. Trabalha como professora de Artes há vinte anos e trabalha em escolas há seis anos. Atualmente, leciona na rede municipal e particular.

A professora **E4** é moradora de Três Cachoeiras/RS. É formada em Licenciatura em Artes Visuais, formou-se em 2006. Trabalha na área faz dez anos e atua em escola municipal.

A entrevistada **E5** mora em Torres e é professora há dezoito anos. Formou-se Artes Plásticas no ano 2000, e também é formada em licenciatura em Educação Artística e tem especialização em Metodologia do Ensino da Arte. Já trabalhou em escola particular, estadual e agora atua na rede municipal.

E6 formou-se em Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais em 2010, e tem pós-graduação em Arteterapia. Lecionou por três anos, parou quando se mudou para Torres e agora faz seis meses que voltou para a área. Está morando em Torres há dois anos e seis meses. Já lecionou em escola estadual e atualmente trabalha em uma escola municipal.

Para entender melhor o que as seis professoras pensam sobre a cultura da cidade onde residem, um dos questionamentos da pesquisa foi saber se as entrevistadas trabalham a cultura local em suas aulas. A intenção foi compreender se as professoras buscam expandir o conhecimento de seus alunos, criando possibilidades e aproximando os alunos da sua própria realidade.

Antes mesmo de colocar os resultados da pesquisa, proponho a reflexão sobre buscar novas alternativas, ampliando para si mesmo o repertório de professor artista. A busca pelo novo nos proporciona o redescobrimento de si próprio. Loponte nos apresenta essa ideia de forma poética, afirmando que “a arte traz mesmo essa possibilidade quase infinita de nos surpreender continuamente, de experimentarmos os abismos de sermos outros, de termos outros modos, outras formas.” (LOPONTE, 2015, p.223)

A professora **E1** responde que já desenvolveu algo sobre cultura local, porém bem pouco, tratando com os alunos sobre a Lenda da Lagoa do Violão¹⁴. Já as professoras **E2** e **E4** trazem os indígenas como assunto sobre Cultura Local e

¹⁴ A lenda refere-se ao surgimento da Lagoa do Violão, localizada no município de Torres. Dois jovens apaixonados, um violeiro e uma índia, separados pela revolta do pai da moça, que matou o rapaz. A moça de tão grande tristeza pela a morte de seu amor, pegou o violão do rapaz e “dirigiu-se a um lugar afastado, atrás do Morro do Farol. Tanto sofreu, tanto chorou que de suas lágrimas surgiu uma lagoa que pouco a pouco começou a tomar forma daquele instrumento musical: a Lagoa do Violão.” Fonte: <http://notempodastorres.blogspot.com.br/>.

dizem: *“Sempre busco algo sobre Torres, suas origens. Trabalho com a cultura indígena, busco a aldeia que temos no campo bonito.”* (E2); *“Costumo levar os alunos para conhecerem a arte e a cultura deles”* (E4). Já a professora E3 tem uma visão mais ampla quanto à cultura local: *“Sempre procuro trabalhar a cultura local, como desenho e pintura privilegiando os festivais folclóricos (Festa junina, por exemplo), Festival Internacional do Balonismo, releituras de obras de artistas locais, trabalhos artísticos tendo como foco a nossas belezas naturais, a pesca local, etc....”*. E5 busca desenvolver mais a questão histórica, tratando sobre o *“patrimônio histórico a partir de pesquisas e visitas, entrevistas com artistas locais: músicos, dançarinos, artesão com trabalhos e entrevistas filmadas pelos alunos.”*. Observa-se que, na fala da maioria, existem pontos positivos em relação ao interesse em apresentar a arte local, porém ainda são bem resumidas as propostas, faltando diversidade e maior repertório. Citados no referencial teórico desta pesquisa, Arslan e Iavelberg (2007) trazem essa possibilidade do professor buscar a arte no entorno da escola e dos alunos, buscando expandir o campo de conhecimento e pesquisa artística e cultural.

A entrevistada E6 nos apresenta outra versão de resposta, afirmando não ter desenvolvido nada, pois ainda está aprendendo sobre a cultura local. Na tabela 2, vemos que outra professora reside em Torres também há dois anos, e mesmo assim apresenta algo sobre a cidade nas aulas de Artes.

Outro questionamento relevante no roteiro, para entender melhor sobre a opinião das professoras, foi saber qual a visão delas em relação aos artesãos, se podem ser considerados artistas. As professoras E1, E5 e E6 falaram não considerar o artesão artista. Trago as duas que falaram mais extensamente. E1 diz que *“Os que conheço não criam obras artesanais, e sim produzem cópias de coisas que você vê em várias cidades e que várias pessoas fazem igual. Considero que alguns desenvolveram bem alguma técnica e que a aplicam, mais ou menos, como um cabelereiro”* e ao final faz uma comparação, em tom irônico, comparando os artesãos aos cabelereiros, já que, segundo ela, *“também poderíamos chamá-los de artistas”*. E6 afirmou: *“Infelizmente, não os vejo como artistas, pela falta de um espaço cultural adequado para exposições artísticas, não desconsiderando o artesanato, mas há uma grande diferença em o que é arte e o que é artesanato.”*. É clara a visão que a maioria tem em relação ao artesão, no entanto, como esta última entrevistada, ela fala de “uma grande diferença” entre arte e artesanato, mas não

expõe qual seria esta diferença. Certos posicionamentos já estão engessados a certo ponto de gerar opiniões automáticas, sem argumentações sobre as mesmas.

Independente das opiniões, o artesanato, ainda sim, é parte da cultura local, e pode estar inserido nas aulas de Artes, como algumas professoras já fazem. As respostas das professoras referentes à primeira pergunta, quando falam sobre os indígenas, sugerem que eles seriam os únicos a produzirem artesanato na cidade. Como já citado no referencial teórico, muitas concepções mudaram na história da arte e a arte conceitual e contemporânea nos abriram portas para a liberdade de criação. Freire (2006) diz que “em suma, a Arte Conceitual dirige-se para além de formas, materiais ou técnicas. É, sobretudo, uma crítica desafiadora ao objetivo de arte tradicional”. O artista define o que mais o convém, se faz produções em série ou únicas, se usa materiais artesanais, alternativos ou normais. E o que o artesanato, visto muitas vezes como “produto de índios e camponesas”, como cita Canclini (2003), compreende, muitas vezes, peças que transbordam pesquisas, cultura, sentimento, tradição, memórias. Cada linha e entalhe expressam isso.

Já as professoras **E2** e **E3** dizem que os artesãos são artistas sim. A professora **E2** considera que os artesãos são “*artistas populares*”, e **E3** explica sua posição: “*Eu vejo os artesãos como artistas, sim. Embora na faculdade a gente tenha aprendido que artesão não é artista, eu discordo disso. Pois os trabalhos dos artesãos são primorosos, cheios de significado e estão inseridos dentro do contexto da cultura local. Eu valorizo e aprecio a arte dos artesãos.*”. Uma das entrevistadas, a professora **E4** diz que considera alguns artesãos “*artistas, mas pouco valorizados.*” Três das seis entrevistadas mostraram que consideram os artesãos como artistas, mostrando que as fronteiras entre arte e artesanato não são claras e podem ser transpostas. Porém, nenhuma das professoras forneceram informações que definem realmente o artesão, apresentando poucas informações e, em sua maioria, demonstrando pouco interesse em falar sobre.

Sobre as aulas de Artes, foram feitas as seguintes perguntas: *Já trabalhou em suas aulas algum artista local? Se já, de que forma? Foi somente comentado ou levou imagens? Realizou visitas aos ateliês e/ou levou o artista até escola?* A professora **E1** disse ter feito rápidas pesquisas locais, e encontrado poucos artistas e relatou nunca ter feito visitas em ateliês. **E4** e **E6** afirmaram nunca ter trabalhado artistas locais, e **E6** diz ainda não os conhecer. Estas apresentaram

respostas negativas, sendo que **E6** já havia respondido de semelhante a questão anterior.

A entrevistada **E2** relatou: *“Sempre em uma aula e outra dou exemplos dos trabalhos locais. Quando falamos em cultura indígena, trago exemplos como o artesanato indígena vendido na rua, trabalho caricatura, lembro eles do artista que faz caricatura no verão na praça XV. Não visitei com eles nenhum ateliê, apenas comento sobre artistas e suas criações. Ah, e já levei grupo de capoeira na escola, balão para ser inflado no pátio da escola.”* Ou seja, esta professora busca recursos na própria cultura para acrescentar e enriquecer suas aulas.

Já **E3**, que, além de professora, define-se também como artista, afirmou proporcionar novas possibilidades aos seus alunos, partindo da sua própria arte. Na entrevista, contou que *“Atualmente, desenvolvo uma pintura mural de grandes proporções, na Escola Z. S., uma releitura da obra "Os Lírios", de van Gogh. Este trabalho faz parte de um projeto que se chama: "humanização da escola através da arte". Os alunos participam ativamente da pintura, dando opiniões na construção da mesma. Sendo assim, eles estão constantemente envolvidos com a arte local e com a "artista local" que no caso, sou eu”*. Pelos relatos, nota-se o interesse em dar vida ao ambiente escolar, ampliando o olhar do aluno para a arte. A professora **E5** relatou que já levou seus alunos em no ateliê de uma artista da região. Ela contou que também artistas foram até a escola, para que os alunos os conhecessem.

Quanto ao questionamento se a cultura local enriquece o repertório artístico do aluno, tive muitas respostas positivas e observações, apesar de nem todas as entrevistadas trabalharem a arte local com os alunos.

E1 disse que certamente enriquece a cultura local enriquece o repertório artístico do aluno, e fez uma observação: *“Infelizmente ainda não encontrei aqui um artista que eu me encantasse com o trabalho para fazer um projeto. Como moro aqui pouco tempo, ainda não consegui descobrir algumas coisas sobre a arte por aqui.”* Conforme a OCEM nos mostra, é preciso entender o contexto, para analisar os meios disponíveis, podendo assim chegar a interpretações e produções,

Isso porque se entende que o objetivo último e fundamental da educação – e da presença da arte nos currículos como uma forma particular de conhecimento – é capacitar o aluno a interpretar e a representar o mundo à sua volta, fortalecendo processos de identidade e cidadania. (BRASIL, 2006, p. 184)

As professoras **E2**, **E3** e **E5** tem o mesmo posicionamento nas respostas, nas quais reforçam a importância de aproximar o aluno à cultura local, deixando a arte mais próxima à realidade deles. A professora **E2** procura levar para as aulas referências próximas, instigando os alunos. Ela explicou que costuma fazer isso *“porquê artistas locais estão ao alcance das mãos. É referência próxima... porque se só falarmos de artistas que já morreram ou não são brasileiros, os alunos acham que é algo surreal.”* **E3** e **E5** apresentaram posicionamento semelhante a **E2**. **E3** destacou a importância da cultura local nas aulas de Artes: *“Eu acredito que a cultura local enriquece, e muito, o repertório artístico do aluno. Quando ele vivencia a arte local, ele se aproxima ainda mais da arte. Ele percebe que a arte, não é apenas aquela arte dos museus e aquela encontrada em livros. A arte pode estar bem pertinho de nós, num trabalho de um artesão local, por exemplo”.*

Já a professora **E6** tem outra visão, dizendo que *“A cultura local ainda apresenta um repertório baixo. Creio que, através da arte educação, podemos ampliar a bagagem cultural dos estudantes.”*, acreditando que a cultura da cidade de Torres é insuficiente para aplicar o conhecimento artístico dos alunos.

Nós, professoras de Artes, devemos explorar o que ainda não foi explorado, percorrer novos caminhos, buscar novas experiências, descobrir em si mesmo algo inovador, pois é isso que mantém o professor vivo. Segundo Kastrup (1999, p. 152-153 apud PICOSQUE; MARTINS, 2015, p.321),

O melhor aprendiz não é aquele que aborda o mundo por meio de hábitos cristalizados, mas o que consegue permanecer sempre em processo de aprendizagem. O processo de aprendizagem permanente pode, então, igualmente ser dito de desaprendizagem permanente. Em sentido último aprender é experimentar incessantemente, é fugir ao controle da representação. É também, nesse mesmo sentido, impedir que a aprendizagem forme hábitos cristalizados. [...] aprender é antes de tudo, ser capaz de problematizar, ser sensível às varrições materiais que têm lugar em nossa cognição presente.

Aproveitando a fala de Kastrup, em parte, as professoras não estão totalmente cristalizadas. Em sua maioria, observei respostas positivas em relação às questões culturais, porém, entre uma ou duas professoras, notei pontos negativos, pois relatam não trabalhar alguns pontos como aproximar os alunos da arte local e seus artistas pelo fato de os desconhecerem. Em sua maioria, as professoras não concordam com o artesão ser considerado um artista, porém teve exceções. Duas professoras se mostraram positivas ao questionamento, defendendo os artesãos

como artistas, compreendendo-os como integrantes da cultura e podendo ser denominados de artistas populares.

Pensando nas entrevistas e análises realizadas, para ampliar o repertório das professoras entrevistadas e de outros professores de Torres, elaborei uma proposta de projeto de curso apresentado no capítulo a seguir. Trata-se de uma proposta de formação continuada, que busca estabelecer relações entre artistas e artesãos locais e professores, de forma a expandir a visão de ambos sobre a cidade onde que atuam e a cultura local no qual estão inseridos.

7 PROJETO DE CURSO

7.1 TÍTULO

(Re)descobrimos a Arte e Cultura Local de Torres/RS: Professor Propositor

7.2 EMENTA

Arte e cultura local nos documentos norteadores: PCNs, OCEM, Lei 12.287 art. 26, § 2º, DCN de Graduação em Artes. (Re)conhecimento dos pontos culturais de Torres. A importância da pesquisa sobre produção artístico-cultural local.

7.3 CARGA HORÁRIA

8 horas (em 02 dias, sendo 3 horas no 1º encontro e 5 horas no 2º encontro)

7.4 PÚBLICO- ALVO

Professores(as) de Artes da cidade de Torres/RS.

7.5 JUSTIFICATIVA

A proposta tem como intuito atingir um número significativo de professores da cidade de Torres/RS, como resultado da pesquisa apresentada anteriormente, que teve como objetivo investigar como são vistos os artistas e artesãos, por eles mesmos e pelos professores das escolas de Torres, com o intuito descobrir se esse assunto é significativo e de que forma é levado para as aulas de Artes.

A partir das entrevistas, observei que, apesar de algumas professoras desenvolverem a arte e cultura local com os alunos, em sua maioria, elas possuíam pouco repertório para desenvolver suas aulas. Senti, nas entrevistas, que existe

também pouco interesse quanto à descoberta do novo, de buscar assuntos locais, e o desconhecimento de artistas e artesãos da região.

Durante esta pesquisa, observei muitas coisas, e a maioria delas sem nem mesmo, sair de casa. Penso que essas professoras podem desenvolver novas visões, buscando conhecer os sujeitos da arte local e conhecendo mais sobre a cultura da cidade. Em poucos meses de pesquisa, consegui identificar e ter contato com artistas, e estes me apresentaram a outros artistas, que me passaram informações de pessoas que faziam parte do cenário artístico-cultural da cidade.

Foi pensando nestes pontos que resolvi propor a ideia de organizar alguns encontros com professores de Torres/RS interessados em formação continuada. Encontros que terão propostas dinâmicas e de reflexões em grupo, tendo a participação também de artistas e artesãos/artistas locais. Como base de minha fundamentação teórica, trago o PCN de Artes (1997) do ensino fundamental - 1º ciclo, que nos apresenta que o próprio professor pode pesquisar por si mesmo, primeiramente, acrescentando conhecimento sobre a cultura local, transformando e somando aos conteúdos já tratados no ensino de Artes, e assim ampliando os olhares de seus alunos para a cidade onde moram.

7.6 OBJETIVOS:

7.6.1 Geral:

Promover novas experiências, em busca de ampliar o olhar e o conhecimento dos professores de Torres/RS sobre a arte e cultura local.

7.6.2 Específicos:

- ✓ Ampliar ideias com alguns artistas e artesãos/artistas locais;
- ✓ Discutir alguns pontos que discutam sobre arte e cultura local nos documentos: PCNs, OCEM, Lei 12.287 art. 26, § 2º, DCN de Graduação em Artes Visuais;
- ✓ (Re)Conhecer pontos culturais de Torres;
- ✓ Promover a busca de conhecimento sobre produção artístico-cultural local, para enriquecer as aulas de Artes (atividades, dinâmicas ou visitas culturais).

7.7 METODOLOGIA

1º dia: Mesa redonda com os(as) professor(as) discutindo sobre documentos que norteiam a educação como PCNs, OCEM, Lei 12.287 art. 26, § 2º, DCN de Graduação em Artes; e alguns livros referências sobre arte, educação e arte, evidenciando os capítulos “Ser artesão e artista: considerações sobre o processo criativo artesanal”, de Vanessa Freitag; “Arte da docência em Arte: desafios contemporâneos”, de Luciana Gruppelli Loponte; “A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver”, de Raimundo Martins; “Travessias para fluxos desejantes do professor-propositor”, de Gisa Picosque e Mirian Celeste Martins, tratando de questões culturais da cidade. Pausa para um café coletivo. Em seguida, troca de ideias sobre atividades, dinâmicas ou visitas culturais para as aulas de Artes.

2º dia: Caminhada visitando lugares artísticos e culturais do município de Torres/RS, como ateliês, casa da cultura, museu, igreja histórica de Torres, entre outros. Ao final do trajeto, parada para conversa e um lanche coletivo na Prainha (Torres/RS).

7.8 REFERÊNCIAS

BRASIL (a). **Diretrizes Curriculares Nacionais**. Ministério da Educação Secretaria de Educação Superior. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2009/rces001_09.pdf>. Acesso em: 30 set 2017

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação-LDB**. Brasília, DF, 1996.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: SEB/MEC, 2006.

BRASIL (b). Ministério da Educação Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Brasília: DP&A, 1997.

BRASIL (c). **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Ministério da Educação Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: DP&A, 1997.

FREITAG, Vanessa. Ser artesão e artista: considerações sobre o processo criativo artesanal. In: OLIVEIRA, M. O. de (Org.). **Arte, educação e cultura**. 2. ed. rev. e ampl. Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2015. 57-73 p.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte da docência em Arte: desafios contemporâneos. In: OLIVEIRA, M. O. de (Org.). **Arte, educação e cultura**. 2. ed. rev. e ampl. Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2015. 215-229 p.

MARTINS, Raimundo. A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver. In: OLIVEIRA, M. O. de (Org.). **Arte, educação e cultura**. 2. ed. rev. e ampl. Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2015.

PICOSQUE, Gisa. MARTINS. Mirian Celeste. Travessias para fluxos desejantes do professor-propositor. In: OLIVEIRA, M. O. de (Org.). **Arte, educação e cultura**. 2. ed. rev. e ampl. Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2015.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte e a cultura local têm papel fundamental no desenvolvimento do aluno. Como eu já havia mencionado no início desta pesquisa, quando pequena, tive um grande contato com a cultura local de onde eu morava, e esse contato me proporcionou lembranças e experiências que influenciaram na formação de quem eu sou hoje. A arte e o conhecimento sensibilizam o olhar do aluno, e quando se trata do local onde mora, aproxima-o de tal forma, fazendo-o compreender melhor o seu entorno.

Nas entrevistas realizadas com as professoras de Artes, foi possível observar a presença cultural e artística local em boa parte das respostas. Porém, é evidente que este repertório cultural é limitado, estagnado para algumas entrevistadas. As professoras relatam desenvolver somente um assunto ou outro, como, por exemplo, quando tratam dos indígenas, ou somente das lendas locais, ou então só alguns artistas. Conforme o PCN de Artes - primeiro ciclo (1997) citado no referencial teórico desta pesquisa, o professor, “além disso, pode encontrar, na arte local de sua comunidade, uma fonte inestimável de aprendizagem para seus alunos.”

A partir das entrevistas com o artista e com a artesã/artista, pude obter diversas informações, sendo uma delas a forma como ambos se denominam - artista ou artesão. Herrmann considera-se artista, resposta dada a partir de sua formação. E Naza, artesã/artista, a partir de suas atuações, realizadas a partir de pesquisas. Dessa forma, pude caracterizar cada entrevistado com base em seus pontos de vistas e vivências.

Nestas mesmas entrevistas, fiz o questionamento sobre promover visitas agendadas das escolas, pensando em acrescentar ao repertório do aluno essa experiência e contato com o que há de mais próximo na área artística e cultural. Ambos foram bastante receptivos quanto à possibilidade de visitas programadas a seus ateliês. Sendo assim, pude analisar que este não é o motivo da ausência dos mesmos nas aulas de Artes.

Nas entrevistas com as professoras, quando questionava sobre considerar ou não o artesão como um artista, observa-se a dificuldade por parte das mesmas em colocar algum tipo de definição em meio às respostas fornecidas sobre arte e artista ou artesanato e artesão, como forma de argumentar defendendo seu ponto de vista, afinal, praticamente todas possuem formação acadêmica na área.

A metade das entrevistadas não consideram artesãos como artistas, porém trabalham mesmo assim com seus alunos a cultura indígena e seus artefatos. Isso mostra que, mesmo que não considerem arte, o artesanato se faz presente nas aulas de arte como parte fundamental da cultura, e, juntamente com a arte e os artistas, são considerados integrantes da paisagem cultural local. Infelizmente, uma das professoras entrevistadas acredita ainda ser insuficiente o repertório da cultura local para trabalhar em sala de aula. Observa-se que essa professora desconhece a importância da cultura local para o desenvolvimento artístico e pessoal do aluno.

Acredito que tudo é parte de um todo, quando tratamos de cultura principalmente. Vejo o quanto valioso é desenvolver “um todo” sobre cultura e arte local com os alunos, que possibilitará um crescimento de seu repertório de forma integral, instigando-os a se surpreender com o novo e absorver a essência do que já é conhecido, tornando-o ainda mais próximo, fazendo re(conhecer) o que já conhece.

Torres/RS foi a cidade que me inspirou para a pesquisa. Todo o processo ampliou meu olhar de uma cidade que eu muito pouco conhecia. Hoje, em minhas aulas, busco sempre relatar algo novo que descobri, buscando surpreender meus alunos e, muitas vezes, sendo surpreendida de volta pelos mesmos, pois eles sempre acrescentam algo novo. Isso tudo me faz acreditar ainda mais na ideia dessa pesquisa. Hoje me considero muito mais propositora, e cada vez mais focada na formação continuada. Assim, consigo me sentir mais realizada na vida profissional, tendo mais confiança em relação ao que proponho aos meus alunos. E, conseqüentemente, realizada na vida pessoal, pois, me preenchendo profissionalmente, buscando ser uma boa profissional, me sinto realizada como pessoa.

REFERÊNCIAS

ARSLAN, Luciana Mourão; IAVELBERG, Rosa. **Ensino de arte**. São Paulo: Cengage Learning, 2007. x, 122 p.

BRASIL (a). **Diretrizes Curriculares Nacionais**. Ministério da Educação Secretaria de Educação Superior. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2009/rces001_09.pdf>. Acesso em: 30 set 2017

BRASIL (b). Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação-LDB**. Brasília, DF, 1996.

BRASIL (c). Secretaria de Educação Básica. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_02_internet.pdf> Acesso em 30 nov. 2017

BRASIL (d). Ministério da Educação Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Brasília: DP&A, 1997. 130 p.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed São Paulo: EDUSP, 2003. 385 p.

COELHO, Teixeira. **A cultura e seu contrário: cultura, arte e política pós-2001**. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008. Disponível em: <http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/itau_pdf/001054.pdf>. Acesso em: 01 nov 2017

COLI, Jorge. **O que é Arte**. 15ª ed., Editora Brasiliense, São Paulo – SP, 1995. Disponível em: <<https://designdeinterioresinap.files.wordpress.com/2011/02/jorge-coli-o-que-c3a9-arte.pdf>>. Acesso em: 01 nov 2017

DAMATTA, Roberto. Você tem cultura? **Jornal da Embratel**, RJ, 1981.

FILHO, Nelson Adams Filho. **História Torres: Aspectos**. Torres: Rodrigo Saran, 2015. 2 v. 170 p.

FREIRE, Cristina. **Arte conceitual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. 81 p.

FREITAG, Vanessa. Ser artesão e artista: considerações sobre o processo criativo artesanal. In: OLIVEIRA, M. O. de (Org.). **Arte, educação e cultura**. 2. ed. rev. e ampl. Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2015. 57-73 p.

GASKELL, George. **Entrevistas individuais e grupais**. In: BAUER, M.; GASKELL, G. Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático. 7a. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 90-113

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 21 mai 2017

GEERTZ, Clifford. **O saber local: ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. 366 p.

GELL, Alfred. A rede de Vogel, armadilhas como obras de arte e obras de arte como armadilhas. Arte e Ensaios: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes da UFRJ, ano 8, n. 8, p. 174-191, 2001

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LAGROU, Els. **Arte ou artefato? Agência e significado nas artes indígenas**. IN: Proa – Revista de Antropologia e Arte [on-line]. Ano 02, vol.01, n. 02, nov. 2010. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/proa/DebatesII/elslagrou.html>>. Acesso em: 14 out. 2017

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. 8. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. 116 p

Litoral Mânia, **Rodrigo Trespach**. Disponível em: <<http://www.litoralmania.com.br/pesquisa-refaz-trajeto-de-d-pedro-i-pelo-litoral-norte-gaucha/>>. Acesso em: 16 out 2017

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte da docência em Arte: desafios contemporâneos. In: OLIVEIRA, M. O. de (Org.). **Arte, educação e cultura**. 2. ed. rev. e ampl. Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2015. 215-229 p.

MARTINS, Raimundo. A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver. In: OLIVEIRA, M. O. de (Org.). **Arte, educação e cultura**. 2. ed. rev. e ampl. Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2015.

No tempo das Torres. Lenda da Lagoa do Violão. Disponível em: <<http://notempodastorres.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

PICOSQUE, Gisa. MARTINS. Mirian Celeste. Travessias para fluxos desejantes do professor-propositor. In: OLIVEIRA, M. O. de (Org.). **Arte, educação e cultura**. 2. ed. rev. e ampl. Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2015.

Prêmio Pipa, **Sônia Gomes**. Disponível em: <<http://www.premiopipa.com/pag/sonia->

gomes/>. Acesso em: 11 out. 2017.

PRADANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Disponível em: < <http://migre.me/wFovQ> >. Acesso em: 21 mai 2017

Revista Trip, **Adriana Varejão**. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/adriana-varejao>>. Acesso em: 11 out 2017

RUSCHEL, Ruy Ruben.; ELY, Ilza Huyer (Org). **Torres tem História**. Porto Alegre: Est, 2004. 880 p.

APÊNDICE(S)

APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS – (NAZA E JORGE)


1. Qual sua formação e onde cursou?
2. Formou-se em qual ano?
3. Há quanto tempo trabalha na área? Em que ano iniciou?
4. É residente de Torres? Há quanto tempo?
5. Em relação à sua atuação, como se define?
6. Qual foi o incentivo para iniciar no artesanato/arte?
7. Suas produções têm relação com a cidade de Torres?
8. Para você, existe diferença entre arte e artesanato?
9. Já recebeu visitas de alunos para conhecerem seu ateliê? Gostaria de receber algum dia?
10. Você considera artesanatos tão importantes quanto à arte para a cultura local?

APÊNDICE B – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS
(PROFESSORAS)

1. Há quanto tempo é professor (a) de Artes?
2. Qual sua formação? Quando se formou-se?
3. É residente de Torres? Há quanto tempo?
4. Onde você leciona (Rede Municipal, Estadual, Particular)?
5. Durante seu percurso como professor (a), você desenvolveu em suas aulas algo sobre a cultura local? Se sim, quais temas?
6. Torres é uma cidade turística, e é também um lugar muito rico em artesãos. Você os vê como artistas? Por que?
7. Já trabalhou em suas aulas algum artista local? Se já, de que forma? Foi somente comentado ou levou imagens? Realizou visitas a ateliês e/ou levou o artista até escola?
8. Você acredita que a cultura local aproxima e enriquece o repertório artístico do aluno?

ANEXO(S)

ANEXO A – Modelo da autorização aplicada com professoras, artista e artesã/artista

	UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA
---	--

AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA

Eu, (NOME), _____ (ESTADO CIVIL),
 _____ (PROFISSÃO), _____ portador(a) da
 carteira de identidade nº (NÚMERO), _____ expedida pelo (ÓRGÃO
 EXPEDIDOR), _____ inscrito(a) no CPF sob o nº
 (NÚMERO) _____, residente e domiciliado(a) no (ENDEREÇO),

autorizo, de forma expressa, o uso e a reprodução de minha imagem, do som da
 minha voz, sem qualquer ônus, em favor da pesquisa do acadêmico Renata Ayani
 Monteiro do Curso de Artes Visuais da UNESC sob orientação do Prof. Viviane
 Kraieski de Assunção para que o mesmo os disponibilize como dados da pesquisa
 de campo em seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima
 descrito sem que nada haja a ser reclamado a qualquer título que seja sobre direitos
 à minha imagem, conexos ou a qualquer outro.

Local e data: _____

Assinatura: _____

Identificação na pesquisa:

Destaque abaixo o nome que gostaria de ser identificado na pesquisa
